

Viktor E. Frankl

O HOMEM EM BUSCA DE UM SENTIDO

Man's Search for Meaning

Prefácio de

Harold S. Kushner

Posfácio de

William J. Winsdale

Traduzido do inglês por

Francisco J. Gonçalves



ÍNDICE

Nota introdutória – Harold S. Kushner	9
Prefácio à edição de 1992	13
O HOMEM EM BUSCA DE UM SENTIDO	
<hr/>	
I. Experiências num campo de concentração	19
II. Logoterapia simplificada	101
PÓS-ESCRITO 1984	
<hr/>	
Em defesa de um otimismo trágico	135
Posfácio – William J. Winslade	151

O HOMEM EM BUSCA DE UM SENTIDO

I.

EXPERIÊNCIAS NUM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Este livro não pretende ser um relato de factos e acontecimentos mas sim de experiências pessoais, experiências vividas por milhões de prisioneiros, uma e outra vez. É a história do interior de um campo de concentração, contada por um dos seus sobreviventes. Esta narrativa não se debruça sobre os grandes horrores, que foram já suficientemente descritos (embora se tenha acreditado neles com bem menor frequência), mas sobre a imensidão de pequenos tormentos. Por outras palavras, o livro tentará responder a esta questão: como se refletia no espírito de um prisioneiro comum a vida diária num campo de concentração?

Muitos dos acontecimentos aqui descritos não tiveram lugar nos campos maiores e mais conhecidos, mas nos mais pequenos, onde a maior parte do verdadeiro extermínio teve lugar. Esta história não é sobre o sofrimento e a morte de grandes heróis e mártires, nem sobre os *capos* mais importantes – prisioneiros que atuavam como administradores, gozando de privilégios especiais – ou sobre prisioneiros bem conhecidos. Não tem, pois, a preocupação de contar os sofrimentos dos poderosos, mas sim os sacrifícios, a crucifixão e as mortes do grande exército de vítimas desconhecidas e esquecidas. Eram estes presos comuns, que não ostentavam marcas distintivas nas mangas, quem os *capos* realmente desprezavam. Enquanto estes prisioneiros vulgares tinham pouco ou nada para comer, os *capos* nunca passavam fome; de facto, muitos dos *capos* deram-se melhor nos campos do que durante o resto das suas vidas. Eram com frequência mais duros para os presos do que os guardas e batiam-lhes com mais crueldade do que os homens das SS. Estes *capos* eram escolhidos, naturalmente, apenas de entre aqueles prisioneiros cujo cará-

ter prometia torná-los adequados a tais comportamentos e, se não correspondessem àquilo que se esperava deles, eram imediatamente retirados dos cargos. Tornaram-se rapidamente muito parecidos com os homens das SS e com os guardas dos campos e podem ser julgados com base numa psicologia semelhante.

É fácil a alguém de fora ficar com a ideia errada da vida num campo, uma conceção misturada de sentimentalidade e pena. O observador sabe muito pouco sobre a dura luta pela existência que era travada entre os prisioneiros. Era uma luta sem quartel pelo pão de cada dia e pela própria vida, pelo bem-estar próprio ou pelo de um bom amigo.

Tomemos como exemplo um transporte oficialmente anunciado como sendo para transferir um certo número de presos para outro campo; mas era relativamente correto supor que o seu destino final seria as câmaras de gás. Uma seleção de prisioneiros fracos ou doentes, incapazes de trabalhar, seriam enviados para um dos grandes campos centrais, que estavam dotados de câmaras de gás e crematórios. O processo de seleção era o sinal de partida para uma luta livre entre todos os presos, ou de grupos contra grupos. A única coisa que importava era ver o nosso nome e o dos nossos amigos riscados da lista de vítimas, embora todos soubessem que por cada homem poupado tinha de ser encontrada outra vítima.

Um número definido de prisioneiros tinha de seguir em cada transporte. Não importava realmente quais, já que cada um deles não era senão um número. Ao serem admitidos no campo (era este, pelo menos, o método em Auschwitz), tinham-lhes sido tirados todos os documentos, juntamente com os outros bens. Cada prisioneiro tinha tido, pois, a oportunidade de reivindicar um nome e uma profissão fictícios; e, por várias razões, muitos fizeram-no. As autoridades estavam somente interessadas nos números dos cativos. Esses números eram com frequência tatuados na pele e tinham ainda de ser cosidos num determinado lugar das calças, da camisola ou do casaco. Qualquer guarda

que quisesse acusar um prisioneiro, limitava-se a olhar para o número (e como temíamos esses olhares!); nunca perguntava o nome.

Mas voltemos ao comboio de presos pronto a partir. Não havia nem tempo nem vontade para olhar a questões éticas ou morais. Cada pessoa era controlada por um único pensamento: manter-se viva para a família que a esperava em casa e salvar os seus amigos. Sem hesitação, pois, fazia os possíveis para que outro preso, outro «número», tomasse o seu lugar no transporte.

Como já referi, o processo de seleção de *capos* tinha critérios negativos; só os mais brutais de entre os presos eram escolhidos para essa tarefa (embora tenha havido algumas exceções felizes). Mas, para além da seleção de *capos* levada a cabo pelas SS, havia uma espécie de processo de autoseleção permanente entre todos os presos. Em geral, só conseguiam ficar vivos aqueles que, após anos a saltar de campo para campo, tinham perdido todos os escrúpulos na sua luta pela existência; estavam prontos a usar todos os meios, honestos ou não, até mesmo a força brutal, o roubo e a traição dos amigos, de maneira a salvarem-se. Nós, que voltámos a casa, com a ajuda de muitas circunstâncias felizes ou de milagres – seja qual for o nome que escolhemos dar-lhes – nós sabemos: os melhores de entre nós não regressaram.

Já foram publicadas muitas descrições factuais sobre os campos de concentração. Aqui, os factos serão significativos apenas na medida em que fazem parte da experiência de um homem. É a natureza exata dessas experiências que este ensaio tentará descrever. Para aqueles que foram prisioneiros num campo, tentará explicar as suas experiências à luz do conhecimento atual. E para aqueles que nunca estiveram detidos, poderá ajudá-los a abarcar, e acima de tudo a entender, as experiências daquela muito pequena percentagem de prisioneiros que sobreviveram e que agora considera a vida muito difícil. Estes antigos presos dizem com frequência: «Não gostamos de falar das nossas

experiências. Para os que estiveram lá dentro não são necessárias explicações, e os outros não entenderão nem como nos sentimos na altura, nem como nos sentimos agora».

Tentar uma apresentação metódica do tema é muito difícil, pois a psicologia requer um certo distanciamento científico. Mas poderá um homem que faz as suas observações, sendo ele mesmo um prisioneiro, ter o distanciamento necessário? Tal distanciamento é garantido a quem está de fora, mas esses estão demasiado longe das coisas para poderem fazer afirmações com real valor. Só quem esteve lá é que sabe. Os seus juízos podem não ser objetivos; as suas avaliações podem ser desproporcionadas. Isso é inevitável. Mas tem de ser feito um esforço para evitar preconceitos pessoais e é essa a verdadeira dificuldade de um livro deste género. Será necessário, por vezes, ter a coragem de contar experiências muito íntimas. Pretendi escrever este livro anonimamente, utilizando somente o meu número da prisão. Mas quando o manuscrito estava terminado percebi que enquanto publicação anónima perderia metade do seu valor e que deveria ter a coragem de apresentar as minhas convicções abertamente. Impedime, pois, de eliminar qualquer passagem, apesar da minha profunda aversão pelo exibicionismo.

Deixo a outros a tarefa de destilarem o conteúdo deste livro em teorias puras. Estas podem vir a tornar-se um contributo para a psicologia da vida prisional, que foi investigada após a Primeira Guerra Mundial e que nos familiarizou com a síndrome «da doença do arame farpado». Devemos à Segunda Guerra Mundial o enriquecimento dos nossos conhecimentos «da psicopatologia das multidões» (se me é permitido citar uma variação da bem conhecida frase e título de um livro de LeBon), pois a guerra ofereceu-nos a guerra de nervos e os campos de concentração.

Como esta história é sobre as minhas experiências enquanto preso vulgar, é importante que refira, não sem certo orgulho, que não fui empregado como psiquiatra no campo, nem mesmo como médico, exceto nas últimas semanas. Alguns dos meus colegas tiveram a sor-

te de serem empregados em postos mal aquecidos de primeiros socorros, onde aplicavam ligaduras feitas de restos de papel. Mas eu era o número 119.104 e passava a maior parte do tempo a cavar e a colocar carris para linhas férreas. Certa vez, o meu trabalho consistiu em escavar um túnel, sem ajuda, para uma conduta de água sob uma estrada. Esta façanha não ficou sem uma recompensa; pouco antes do Natal de 1944, fui presenteado com a dádiva dos chamados «cupões *premium*». Estes eram emitidos pela empresa de construção à qual éramos na prática vendidos como escravos: essa empresa pagava às autoridades do campo um preço fixo por dia e por prisioneiro. Cada cupão custava à empresa cinquenta *pfennigs* e podia ser trocado por seis cigarros, com frequência semanas depois, embora por vezes perdessem a validade. Tornei-me, nessa altura, o orgulhoso proprietário de uma ficha no valor de doze cigarros. Mas, mais importante do que isso, os cigarros podiam ser trocados por doze sopas, e doze sopas representavam muitas vezes um verdadeiro alívio da fome.

O privilégio de fumar mesmo os cigarros estava reservado ao *capo*, que tinha assegurada a sua quota de cupões semanais; ou possivelmente ao preso que trabalhasse como responsável de grupo num armazém ou oficina e recebesse uns poucos cigarros em troca da realização de trabalhos perigosos. As únicas exceções a esta regra eram aqueles que tinham perdido a vontade de viver e queriam «gozar» os seus últimos dias. Por isso, quando víamos um camarada a fumar os seus próprios cigarros, sabíamos que tinha perdido a fé na sua força para prosseguir e, uma vez perdida, a vontade de viver raramente voltava.

Quando examinamos a imensa quantidade de material reunido em resultado das observações e experiências de muitos prisioneiros, revelam-se claramente três fases das suas reações mentais à vida no campo: o período a seguir à sua chegada; o período durante o qual estão bem integrados na rotina do campo; e o período a seguir à sua libertação.

O sintoma que caracteriza a primeira fase é o choque. Em determinadas condições, o choque pode mesmo anteceder a admissão formal no campo. Vou dar como exemplo as circunstâncias da minha própria admissão.

Mil e quinhentas pessoas viajavam de comboio há já vários dias e noites: havia 80 pessoas em cada carruagem. Tinham todas de se pôr em cima das suas bagagens, dos escassos restos dos seus haveres. As carruagens estavam tão cheias que só as partes superiores das janelas permitiam a entrada da luz cinzenta do amanhecer. Todos esperávamos que o comboio se dirigisse para uma qualquer fábrica de munições, na qual seríamos empregados em regime de trabalhos forçados. Não sabíamos se ainda estávamos na Silésia ou já na Polónia. O apito da locomotiva tinha um som perturbador, como se fosse um pedido de ajuda gritado em comiseração pela triste carga que estava encarregado de conduzir à perdição. Então, o comboio mudou de linha, sinal óbvio da aproximação de uma estação principal. De súbito, um grito ecoou de entre os ansiosos prisioneiros: «Há um sinal, Auschwitz!». Naquele momento, os corações de todos pareceram parar. Auschwitz – aquele nome representava tudo quanto havia de horrível: câmaras de gás, crematórios, massacres. Lentamente, quase hesitante, o comboio avançou, como se quisesse poupar os passageiros à terrível compreensão das coisas pelo maior período de tempo possível: Auschwitz!

Com o progressivo amanhecer, os contornos de um campo imenso tornaram-se visíveis: longas filas de múltiplas barreiras de arame farpado; torres de vigilância; holofotes; e longas colunas de seres humanos esfarrapados, cinzentos no cinzento da aurora, a caminharem ao longo de estradas desoladas, para um destino que desconhecíamos. Havia aqui e ali gritos e apitos de comando. Desconhecíamos o seu significado. A minha imaginação levou-me a ver forcas com pessoas suspensas a oscilar. Estava apavorado, mas isso não era mau de todo, porque, aos poucos, tínhamos mesmo de nos acostumar a um horror imenso e terrível.

Por fim, mudámos para a estação. O silêncio inicial foi interrompido por ordens gritadas. Daí para a frente, iríamos ouvir esses tons ásperos, agudos, uma e outra vez em todos os campos. O seu som era quase como o último grito de uma vítima e, no entanto, havia uma diferença. Tinha uma aspereza rouca, como se proviesse da garganta de um homem que tivesse de continuar a gritar daquela maneira, um homem que estivesse a ser assassinado repetidamente. As portas da carruagem foram abertas e um pequeno destacamento de prisioneiros entrou de rompante. Vestiam uniformes às riscas, tinham as cabeças rapadas, mas pareciam bem alimentados. Falavam em todas as línguas europeias possíveis e todos eles com uma certa dose de humor, o que parecia grotesco naquelas circunstâncias. Como um náufrago agarrado a uma palha, o meu otimismo congénito (que muitas vezes controlou os meus sentimentos até mesmo nas circunstâncias mais desesperadas) agarrou-se a este pensamento: estes prisioneiros aparentam estar bastante bem, parecem animados e até se riem. Quem sabe? Talvez consiga vir a partilhar a sua situação favorável.

Na psiquiatria existe um determinado estado conhecido como «delírio de suspensão»¹. Imediatamente antes da execução, o condenado fica com a ilusão de poder ver a sua pena suspensa no último momento. Também nós nos agarrávamos a pedaços de esperança e acreditámos até ao último momento que não iria ser assim tão mau. A simples visão das bochechas rosadas e dos rostos rechonchudos daqueles prisioneiros foi um grande encorajamento. Mal sabíamos naquela altura que eles faziam parte de uma elite especialmente selecionada, que era há anos a brigada de receção dos novos transportes, à medida que chegavam à estação, dia após dia. Encarregavam-se dos recém-chegados e das suas bagagens, nas quais se contavam escassos bens e joias escondidas. Auschwitz deve ter sido um local estranho naquela Europa dos últimos anos da guerra. Devem ter existido tesouros únicos de ouro e prata, platina e diamantes, não somente nos enormes armazéns como também nas mãos das SS.

1 *Delusion of reprieve*, na versão inglesa. (N. do T.)

Mil e quinhentos cativos foram encarcerados num barracão possivelmente construído para albergar um máximo de duzentos. Tínhamos frio e fome e não havia espaço suficiente para cada um se acocorar no chão, muito menos para se deitar. Um pedaço de pão com cerca de 150gr foi a nossa única comida durante quatro dias. No entanto, ouvi os prisioneiros mais velhos, encarregados do barracão, a negociar com um membro do grupo de recepção um alfinete de gravata em platina e diamantes. A maior parte dos lucros acabaria por ser trocada por álcool – *schnapps*. Já não me recordo de quantos milhares de marcos eram necessários para comprar a quantidade de *schnapps* necessária para uma «noite festiva», mas sei que os presos de longa data precisavam de *schnapps*. Em tais condições, quem pode censurá-los por tentarem drogar-se? Havia outro grupo de presos que conseguia obter das SS quantidades quase ilimitadas de bebidas alcoólicas: esses eram os homens empregados nas câmaras de gás e crematórios, que sabiam muito bem que um dia seriam substituídos por um novo turno e que teriam de deixar o seu papel de executores forçados para se tornarem eles mesmos vítimas.

Quase todos os que chegaram no nosso transporte viviam na ilusão de que seriam salvos, que aquela noite ainda acabaria em bem. Desconhecíamos o sentido por detrás da cena que se iria seguir. Foi-nos dito para deixarmos a bagagem no comboio e para nos alinharmos em duas filas – mulheres de um lado, homens do outro – de maneira a desfilarmos perante um oficial das SS. Surpreendentemente, tive a coragem de esconder a minha pequena mochila debaixo do casaco. A minha fila passou diante do oficial, homem a homem. Percebi que seria perigoso se o oficial se apercebesse do meu saco. Iria, no mínimo, atirar-me ao chão com pancada; sabia disso de experiências anteriores. Instintivamente, quando me aproximei do oficial endireitei-me, de maneira a ele não notar o peso que transportava. Cheguei, então, diante dele. Era um homem alto, que ficava com um aspeto elegante e robusto no seu imaculado uniforme. Que contraste fazia connosco, tão desleixados e sujos após a longa viagem! Tinha assumido uma

atitude de descontração descuidada, apoiando o cotovelo direito com a mão esquerda. Tinha a mão direita erguida, e com o indicador dessa mão apontava vagarosamente para a direita ou para a esquerda. Nenhum de nós fazia a mais pequena ideia do significado sinistro por detrás desse pequeno movimento do dedo de um homem, apontando agora para a direita e depois para a esquerda, mas com maior frequência para a esquerda.

Chegou a minha vez. Alguém me sussurrou que ser enviado para o lado direito significava trabalho, sendo o caminho da esquerda para os doentes e os incapazes de trabalhar, que seriam enviados para um campo especial. Limitei-me a esperar que as coisas seguissem o seu curso, a primeira de muitas outras vezes em que tive de o fazer. A minha mochila inclinava-me um pouco para a esquerda, mas fiz um esforço para caminhar direito. O homem das SS olhou-me de alto a baixo, pareceu hesitar, depois colocou ambas as mãos nos meus ombros. Fiz um grande esforço para parecer vivaz, e ele voltou os meus ombros muito lentamente até ficar virado para a direita, e fui para esse lado.

O significado do jogo do dedo foi-nos explicado nessa noite. Era a primeira seleção, o primeiro veredito feito sobre a nossa existência ou não existência. Para a maioria dos que chegaram no nosso transporte, cerca de 90 por cento, significou a morte. A sentença foi executada nas horas que se seguiram. Os que foram mandados para a esquerda caminharam diretamente da estação para o crematório. Esse edifício, como me disse alguém que lá trabalhara, tinha escrita nas portas a palavra «banho» em várias línguas europeias. Ao entrar, era dado a cada prisioneiro um pedaço de sabão e depois – felizmente, não tenho de descrever os acontecimentos que se seguiam. Muitos relatos foram escritos sobre este horror.

Nós, que nos salvámos, a minoria dos do nosso transporte, descobrimos a verdade nessa noite. Perguntei a prisioneiros que já ali estavam há algum tempo para onde tinha sido levado o meu colega e amigo P –.

«Foi mandado para o lado esquerdo?»

«Sim», respondi.

«Então podes vê-lo ali», disseram-me.

«Onde?» Uma mão apontou para a chaminé a umas centenas de metros, que enviava uma coluna de chamas para o céu cinzento da Polónia. Desfez-se numa sinistra nuvem de fumo.

«É aí que está o teu amigo, a flutuar em direção ao Céu», foi essa a resposta. Mas ainda assim não entendi, até a verdade me ser explicada em palavras simples.

Mas estou a contar as coisas fora da ordem. De um ponto de vista psicológico, tínhamos um caminho muito longo diante de nós desde o despontar da aurora na estação até à primeira noite de descanso no campo.

Escoltados por soldados das SS com armas prontas a disparar, fomos forçados a correr desde a estação, passando por vedações de arame farpado eletrificado, pelo campo fora, até chegarmos à estação de limpeza; para os que passaram a primeira seleção, aquele foi um banho a sério. Uma vez mais, a nossa ilusão de suspensão da pena via-se confirmada. Os homens das SS pareciam quase encantadores. Em breve descobriríamos porquê. Eram educados connosco desde que vissem relógios nos nossos pulsos e conseguissem persuadir-nos a entregar-lhos. Fosse como fosse, não teríamos nós de acabar por entregar todos os nossos bens? E por que não haveria de ficar com o relógio aquela pessoa relativamente agradável? Talvez um dia fizesse alguma coisa de bom por nós, em troca.

Esperámos num barracão que parecia ser a antessala da câmara de desinfeção. Apareceram alguns homens das SS e distribuíram cobertores para os quais tínhamos de atirar todos os nossos bens, os nossos relógios e as nossas joias. Havia ainda entre nós presos ingénuos que perguntavam, para divertimento dos mais experientes que ali estavam para ajudar, se não poderiam ficar com um anel de casamento, uma medalha ou um amuleto. Ninguém conseguia ainda compreender o facto de que tudo nos seria tirado.

Tentei levar um dos presos antigos a fazer-me confidências. Aproximando-me dele furtivamente, aponte para o rolo de papel no bolso interior do meu casaco e disse: «Olhe, este é o manuscrito de um livro científico. Sei o que vai dizer; que deveria sentir-me agradecido por escapar com vida, que isso é tudo quanto deveria esperar do destino. Mas não consigo evitar. Tenho de conservar este manuscrito custe o que custar; contém o trabalho da minha vida. Conseguir perceber isso?».

Sim, ele começava a compreender. Um esgar alargou-se lentamente no seu rosto, primeiro, lastimoso, depois, mais divertido, escarnekedor, insultuoso, até que me gritou uma palavra em resposta à minha pergunta, uma palavra sempre presente no vocabulário dos companheiros do campo: «Merda!» Nesse momento, vi a verdade nua e crua e fiz algo que marcou o ponto culminante da primeira fase da minha reação psicológica: deitei fora toda a minha vida anterior.

De súbito, uma agitação percorreu os meus companheiros de viagem, que estavam por ali com rostos pálidos e amedrontados, debatendo-se inutilmente. Ouvimos de novo as ordens gritadas em tom áspero. Fomos conduzidos à pancada para a antessala contígua aos duches. Aí, reunimo-nos em volta de um homem das SS que esperou até termos chegado todos. E então, disse: «Vou dar-vos dois minutos e vou contar o tempo pelo meu relógio. Nesses dois minutos vão despír-se totalmente e deixar tudo no local onde estão. Não levarão nada excepto os sapatos, o cinto ou suspensórios e talvez umas cuecas. Vou começar a contar – agora!»

Com uma pressa impensável, as pessoas arrancaram as roupas. À medida que o tempo escasseava, ficavam cada vez mais nervosas e tiravam desajeitadamente a roupa interior, os cintos e os atacadores dos sapatos. Ouvimos então os primeiros sons de chicotadas; correias de pele a bater em corpos nus.

De seguida fomos agrupados noutra sala para sermos rapados: e não foram só as nossas cabeças que foram tosquiadas, não foi deixado no nosso corpo um único pelo. Depois, fomos alinhados de novo nos chuveiros. Tínhamos dificuldade em nos reconhecermos uns aos

outros; mas, com enorme alívio, alguns repararam que dos repuxos saía mesmo água.

Enquanto esperávamos pela vez nos chuveiros, tomámos consciência da nossa nudez: agora não tínhamos realmente nada a não ser os corpos nus – e até mesmo esses, despojados de pelos; tudo quanto possuíamos era, literalmente, a nossa existência nua. Que outra coisa restava para nos ligar materialmente às nossas vidas anteriores? Para mim, havia os meus óculos e o cinto; este último, tive de trocá-lo mais tarde por um pedaço de pão. Estava ainda reservado um momento de excitação extra para os possuidores de cuecas. À noite, o prisioneiro mais antigo encarregado da nossa cabana deu-nos as boas-vindas com um discurso durante o qual nos deu a palavra de honra de que enforcaria, pessoalmente, «naquele poste» – e apontou para ele – qualquer um que tivesse cosido dinheiro ou pedras preciosas às cuecas. Expliou, com orgulho, que as leis do campo lhe davam esse direito na condição de residente mais antigo.

No que dizia respeito aos nossos sapatos, as coisas não eram assim tão simples. Embora nos tivessem dito que ficávamos com eles, todos quantos tinham pares de sapatos minimamente apresentáveis acabaram por ser forçados a entregá-los e em troca deram-lhes sapatos que não serviam. Mas quem estava em sérios apuros eram os presos que tinham seguido o conselho aparentemente bem-intencionado (dado na antes-sala) dos prisioneiros mais antigos e tinham encurtado as botas altas cortando-lhes a parte de cima e besuntando depois a parte cortada com sabão para esconder a sabotagem. Os homens das SS pareciam estar justamente à espera disso. Todos os suspeitos deste crime tinham de ir para uma pequena sala anexa. Após algum tempo, voltámos a ouvir os silvos das chicotadas e os gritos dos homens torturados. Desta vez prolongou-se durante um bom bocado.

Assim, as ilusões que alguns de nós ainda tinham foram destruídas uma a uma e depois, de forma bastante inesperada, a maior parte de nós foi tomada por um sentimento de humor sinistro. Sabíamos que nada tínhamos a perder exceto as nossas existências ridiculamente nuas.

Quando os chuveiros começaram a correr, todos nos esforçámos por brincar, connosco mesmos e uns com os outros. Afinal de contas, saía mesmo água verdadeira dos chuveiros.

Para lá desse estranho género de humor, fomos tomados por outra sensação: a curiosidade. Já tinha experimentado esse tipo de curiosidade, como reação fundamental a algumas circunstâncias estranhas. Quando a dada altura a minha vida foi ameaçada por um acidente de escalada, no momento crítico senti somente uma sensação: curiosidade, curiosidade de saber se sairia dali vivo, com uma fratura no crânio ou algum outro ferimento.

A fria curiosidade predominava em Auschwitz, distanciando de alguma forma o espírito do meio envolvente, acabando este por ser encarado com uma espécie de objetividade. Estávamos ansiosos por saber o que aconteceria a seguir; e qual seria a consequência, por exemplo, de estarmos ali ao ar livre, no frio do fim do outono, totalmente nus e ainda húmidos do banho. Nos dias seguintes, a nossa curiosidade transformou-se em surpresa; surpresa por não nos termos constipado.

Muitas surpresas como esta estavam reservadas aos recém-chegados. Aqueles de entre nós que eram médicos aprenderam, desde logo, uma: «Os manuais mentem!» Diz-se algures, por exemplo, que os seres humanos não podem viver sem dormir por mais de um certo número de horas. Completamente errado! Estava convencido de que havia algumas coisas que pura e simplesmente eu não conseguia fazer: não podia dormir sem determinadas condições e não podia viver sem isto ou sem aquilo. Na primeira noite em Auschwitz dormimos em camas construídas em fileiras sobrepostas. Em cada uma delas (medindo entre dois metros a dois metros e setenta) dormiam nove homens, deitados diretamente sobre as tábuas. Dois cobertores eram partilhados por cada nove homens. Só podíamos, é claro, deitar-nos de lado, amontoados e comprimidos uns contra os outros, o que tinha algumas vantagens por causa do frio intenso. Embora fosse proibido levar os sapatos para os beliches, alguns usavam-nos secre-

tamente como almofadas, apesar de estarem cheios de lama. Sem isso, tínhamos de deitar a cabeça no braço dobrado de tal maneira que quase ficava deslocado. Apesar de tudo, o sono veio e trouxe consigo, por algumas horas, esquecimento e alívio da dor.

Gostaria de referir mais algumas surpresas do mesmo género, que mostram até que ponto conseguíamos resistir: não havia maneira de limparmos os dentes mas, apesar disso e de uma grave deficiência de vitaminas, tínhamos gengivas mais saudáveis do que antes. Éramos forçados a usar as mesmas camisas durante meio ano, até perderem toda a aparência de camisas. Durante dias não conseguíamos lavar-nos, mesmo parcialmente, por causa dos canos congelados, mas, ainda assim, as feridas e queimaduras de fricção nas mãos, sujas do trabalho na terra, não supuravam (isto é, a menos que sofrêssemos queimaduras do frio). Ou então, alguém com o sono leve, por exemplo, que habitualmente acordava ao mínimo ruído no quarto do lado, dava agora consigo deitado de encontro a um camarada que ressonava ruidosamente a escassos centímetros dos seus ouvidos e ainda assim dormia profundamente.

Se alguém agora nos perguntasse sobre a verdade da afirmação de Dostoiévski quando define o Homem como um ser capaz de se habituar a tudo, responderíamos: «Sim, um homem pode habituar-se a qualquer coisa, só não nos perguntem como». Mas as nossas investigações psicológicas ainda não nos levaram até aí; nem nós, prisioneiros, tínhamos ainda alcançado esse ponto. Estávamos ainda na primeira fase das nossas reações psicológicas.

Quase todos pensavam no suicídio, ainda que somente por um breve período de tempo. Era algo que nascia do carácter desesperado da situação, do perigo constante da morte a pairar sobre nós, a cada dia, em cada hora, e da proximidade das mortes de muitos dos outros presos. Com base em convicções pessoais, que mencionarei mais tarde, fiz a mim mesmo a promessa firme, no meu primeiro dia no campo, de que «não correria para a vedação». Esta era a frase usada no campo para descrever o método mais popular de suicídio – tocar na veda-